



Edgar A. Poe

O Barril de Amontillado

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

The cask of Amontillado

Conselho Editorial

BIOMÉDICA M.^a MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Deeznutz1. AI generated stones stone wall royalty-free stock illustration. Free for use & download [Internet]. 2023 Oct 06 [Acesso 25 jun 2024]. Disponível em:

<https://pixabay.com/illustrations/ai-generated-stones-stone-wall-wall-8296890/>. Figura registrada como: *AI generated royalty-free stock illustration. Free for use & download*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P743b

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849

O barril de Amontillado [livro eletrônico] / Edgar A. Poe;
tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed.
– Bauru, SP: Canal 6, 2025.
PDF.

Título original: The cask of Amontillado.
ISBN 978-85-7917-688-3

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato
Massaharu. II. Título.

06-2025/62

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



Edgar A. Poe

O Barril de Amontillado

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma
*Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025
Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Biomédica M.^a Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

APRESENTAÇÃO

O **barril de Amontillado** foi publicado pela primeira vez em 1846. Assim como em outras obras do autor, a história é contada do ponto de vista do vilão, um homem chamado Montresor, que deseja a vingança de seu arqui-inimigo, Fortunato, que é levada às últimas consequências.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado **“A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos”**.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma



Edgar A. Poe

O Barril de Amontillado

Edgar A. Poe

O Barril de Amontillado

Suportei as inúmeras ofensas de Fortunato durante muito tempo. Mas quando ele começou a me insultar, eu jurei que me vingaria dele. Digo que não seria capaz de fazer qualquer coisa contra alguém sem um bom motivo.

Mas o que interessa nessa história é que fui vingado. Esse é um assunto já resolvido. Fortunato deveria ser punido, mas sem que eu fosse pego. Afirmo que um erro não é corrigido, quando a punição ultrapassa o insulto. E que é inútil punir o culpado, se aquele que se vinga não se sente recompensado. Nunca dei a Fortunato qualquer motivo para me odiar. Sempre fui simpático com ele. Mas ele não percebeu que meu sorriso agora escondia a vontade de tê-lo morto.

Fortunato era um homem muito respeitado por uns e temido por outros. Mas ele tinha um ponto fraco: seu orgulho por ser um excelente conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm a virtude de reconhecer as qualidades desta bebida com tanta maestria. Geralmente, usava seu conhecimento para enganar milionários britânicos e austríacos. Fortunato, como seus conterrâneos, era um charlatão, mas quando se tratava de vinhos velhos era honesto. Eu também era habilidoso em conhecer as safras italianas e sempre comprava algumas garrafas dele.

No final da tarde de um Carnaval encontrei Fortunato bêbado. Ele usava uma máscara, uma roupa listrada e um chapéu cônico com guizos. Então, disse a ele:

— Fortunato, que sorte! Você parece tão bem hoje! Hoje recebi um barril de um vinho de Amontillado, mas achei estranha a oferta.

— Como? Um barril? De Amontillado? Impossível? Em pleno Carnaval?

— Fiquei desconfiado. Mas eu não seria tolo de pagar o preço que ele me pedia sem consultar você. Como não o encontraram, fiquei com medo de perder a pechincha. Caso tenha algum compromisso, estou a caminho de Luchesi. Se existe algum bom conhecedor de vinhos é ele. Só ele poderá me dizer se o vinho que comprei é bom ou não.

— Luchesi não consegue distinguir um Amontillado de um Sherry.

— Entretanto, algumas pessoas dirão que seus gostos são parecidos!

— Venha, vamos lá.

— Para onde?

— Para a sua adega.

— Não, não quero atrapalhar. Vejo que está ocupado. Luchesi...

— Não estou ocupado. Vamos!

— Melhor não, meu amigo! Percebo que está resfriado e a adega é extremamente fria e úmida. As paredes estão cobertas de salitre.

— Vamos logo! Não ligo para o frio! Amontillado! Você foi enganado. E quanto a Luchesi, ele não consegue ver a diferença entre um vinho Sherry de um Amontillado.

Fortunato continuou falando e me arrastou pelo braço. Colocou sua máscara de seda preta, dividiu comigo seu casaco e me apressou para o caminho da minha casa.

Eu já sabia que não haveria ninguém em casa. Dispensei todos criados para o Carnaval até a manhã seguinte. Deixei bem claro para que eles não retornassem para a casa antes disso. Conhecendo bem meus criados, eu sabia que essas ordens seriam suficientes para que todos sumissem da minha casa assim que eu virasse as costas.

Chegando na minha casa, tirei duas tochas das arandelas e dei uma delas a Fortunato. Atravessamos a casa, passamos por uma longa e sinuosa escadaria. Pedi que fosse cauteloso enquanto caminhávamos. Descemos por um caminho longo até pisarmos no chão úmido das catacumbas dos Montresors. Então ele disse, enquanto cambaleava com os guizos de seu chapéu tocando:

— O barril!

— Está lá no fundo! Mas observe todos esses cristais nas paredes.

— Cristais?

— Salitre! Há quanto tempo você tem essa tosse?

Fortunato começou a tossir e foi impossível responder por alguns minutos. Então disse:

— Não é nada.

— Venha. Vamos voltar depois. Sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado. Você está feliz, como eu já fui. Sentirão a sua falta, mas não a minha. Vamos voltar. Você vai ficar doente e eu não posso ser responsável. Além disso, Luchesi...

— Fica quieto. Essa tosse não é nada. Não vai me matar. Não morrerei de tosse.

— Isso é verdade. Não quero preocupá-lo. Mas uma dose deste Medoc irá nos proteger de toda essa umidade.

Abri o vinho e lhe ofereci:

— Beba.

Ele fez uma pausa e acenou para mim, enquanto seus guizos tocavam. Então, Fortunato disse:

— Eu brindo aos enterrados que descansam ao nosso redor.

— E eu para sua longa vida!

Ele pegou novamente em meu braço e prosseguimos.

— Essa adega é enorme!

— Os Montresors eram uma família numerosa.

— Não me lembro do brasão de sua família.

— Um enorme pé humano em chamas em um campo sob um céu azul. O pé esmaga uma serpente cujas presas estão cravadas no calcanhar.

— E o lema do brasão?

— *Nemo me impune lacessit*, que significa “ninguém me provoca impunemente”.

— Boa!

Seus olhos brilhavam enquanto bebia e os guizos continuavam a tocar. Voltamos a caminhar, passando por paredes revestidas por ossos e barris empilhados. Parei por um momento novamente e desta vez segurei Fortunato pelo braço.

— O salitre aumenta cada vez mais! Olhe as estalactites pendendo no teto. Estamos debaixo do leito do rio. As gotas de umidade escorrem entre os ossos dos esqueletos. Venha, vamos voltar antes que seja tarde demais. Sua tosse...

— Essa tosse não é nada. Vamos em frente. Mas antes, vamos tomar outra dose do Medoc.

Abri uma nova garrafa que ele esvaziou num sopro. Seus olhos brilhavam. Ele ria entusiasmado e gesticulava algo que não conseguia compreender. Então, ele disse:

— Não entende?

— Não.

— Então você não é da irmandade!

— Que irmandade?

— Você não é um pedreiro!

— Sou sim!

— Você? Um pedreiro? Impossível!

— Sou sim!

— Isso é um sinal!

— É sim!

— Você brinca! Vamos para o barril de Amontillado.

— Vamos!

Agora foi minha vez de segurá-lo pelo braço e como ele pesava! Continuamos a descer na adega em direção ao barril de Amontillado. Enfim, chegamos a uma cripta onde a sujeira do ar fazia com que o fogo de nossas tochas brilhasse ainda mais. Seguimos para outra cripta ainda menor, com paredes forradas com ossos humanos, empilhadas como nas catacumbas de Paris. Fortunato ergueu a sua tocha, mas não conseguíamos ver o fundo da cripta.

— Vamos em frente. O barril de Amontillado está logo em frente. Quanto a Luchesi...

— Ele é um ignorante!

Fortunato continuou a caminhar, enquanto eu o seguia logo atrás. Em um instante ele chegou ao final da cripta e ele estava desorientado. Eu o tinha acorrentado em uma parede. Em uma das algemas havia uma corrente curta e na outra um cadeado. Levei apenas alguns segundos para prendê-lo. Ele ficou espantado demais para resistir.

— Passe a mão pela parede. Você irá sentir o salitre e a umidade. Quer que eu implore mais uma vez para que você volte? Não? Então eu vou te deixar aqui.

— O barril de Amontillado!

— Não há barril de Amontillado.

Enquanto dizia estas palavras, comecei a fechar a entrada da cripta com pedras de construção, argamassa e uma espátula. Eu mal tinha colocado a primeira fileira de pedras quando percebi que a embriaguez de Fortunato estava passando. A primeira indicação disso foi um grito baixo. Não era o grito de um bêbado. Houve então um longo silêncio. Coloquei a segunda fileira de pedras, a terceira e a quarta. Então o ouvi tentando escapar das correntes. O barulho durou vários minutos.

Eu até parei de trabalhar por uns instantes para ouvir este som com satisfação. Quando ele parou de tentar escapar, retomei meu serviço. Terminei sem nenhuma interrupção a quinta, a sexta e a sétimo fileira de pedras. A parede estava quase no nível do meu peito. Voltei a fazer uma pausa e iluminei o interior da cripta com a tocha. Ouvi uma sucessão de gritos altos e estridentes, que pareciam estourar a garganta. Por um breve momento hesitei e tremi. Aproximei do muro e respondi a seus gritos, berrando ainda mais alto que ele.

Já era meia-noite e minha tarefa estava quase chegando ao fim. Tinha completado a oitava, a nona e a décima fileira. Agora restava apenas uma única pedra a ser encaixada e rebocada. Ergui a pedra com toda força, mas antes de a posicionar no lugar, ouvi uma risada que vinha lá de dentro:

— Ha! Ha! Ha! Ele! Ele! Ele!

— O barril de Amontillado!

— Sim, o barril de Amontillado está aqui! Mas não será tarde demais? A Senhora Fortunato deve estar me esperando! Vamos embora!

— Sim, vamos embora.

— Pelo amor de Deus, Montresor!

— Sim, pelo amor de Deus, Fortunato!

Não houve mais resposta alguma. Empurrei a tocha por uma pequena abertura restante e deixei-a cair lá dentro. Ouvi um som fraco dos guizos. Finalizei meu trabalho, colocando a última pedra em sua posição. Durante meio século, nenhum mortal o perturbou. Que ele descanse em paz!



O barril de Amontillado foi publicado pela primeira vez em 1846. Assim como em outras obras do autor, a história é contada do ponto de vista do vilão, um homem chamado Montresor, que deseja a vingança de seu arqui-inimigo, Fortunato, que é levada às últimas consequências.